

Kleist para tempos de isolamento social: oralidade, corpo e pensamento

Kleist for isolation times: orality, body, and thought

Kleist para tiempos de aislamiento social: oralidad, cuerpo y pensamiento

Maria Cristina Franco Ferraz^{1,a}

mcferraz@hotmail.com | <https://orcid.org/0000-0001-5142-8734>

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

^a Doutorado em Filosofia pela Universidade de Paris 1 – Sorbonne.

RESUMO

O artigo apresenta e explora o texto de Heinrich von Kleist intitulado “Sobre a fabricação gradativa dos pensamentos enquanto se fala” (1805-1806). A tese central do ensaio articula oralidade, corpo e produção de pensamento: apartando-se da tradição metafísica, Kleist investiga a imbricação entre a fala, os estados atmosféricos do corpo e o ato de pensar, salientando as dimensões temporais necessárias à fabricação de ideias, não na mente, mas na prática viva dos falantes, em seus intercâmbios presenciais. O ensaio fornece pistas para que se vislumbrem possíveis efeitos sobre o pensamento no contexto de comunicações tecnologicamente mediadas por conta da pandemia da Covid-19, dissociando o falar da presença direta dos corpos. A metodologia adotada concerne à análise detalhada desse texto (pouco conhecido entre nós), remetendo a alguns conceitos de Deleuze e Guattari e visando a levantar possíveis problemas que o pensamento enfrenta na atual situação de distância entre os corpos.

Palavras-chave: Heinrich von Kleist; Isolamento social; Oralidade; Corpo; Pensamento.

ABSTRACT

The article presents and explores Heinrich von Kleist’s essay “On the gradual construction of thoughts during speech” (1805-1806). Its main thesis articulates orality, body, and the gradual production of thought: against the metaphysical tradition, Kleist analyses the intertwining of speech, atmospherical states of the body and the act of thinking. He highlights the temporal dimensions necessary to the fabrication of ideas not inside the mind, but during the vivacious practice of speech. This text offers relevant clues to the discussion of possible effects on thinking caused by the social isolation due to the Covid-19 pandemic, which segregates speech from the presence of the bodies. The methodology employed concerns a close reading of Kleist’s essay, relating the thesis presented to some concepts and perspectives developed by Deleuze and Guattari, as well as to the present context of social isolation and expansion of mediated communications.

Keywords: Heinrich von Kleist; Social isolation; Orality; Body; Thought.

RESUMEN

El artículo explora el texto de Heinrich von Kleist titulado “Sobre la fabricación gradual de los pensamientos mientras se habla” (1805-1806). La tesis central del ensayo articula oralidad, cuerpo y producción de pensamiento: apartándose de la tradición metafísica, Kleist investiga la imbricación entre el habla, los estados atmosféricos del cuerpo y el acto de pensar, subrayando las dimensiones temporales necesarias a la fabricación de ideas, no en la mente, sino en la práctica viva de los hablantes, en sus intercambios presenciales. En ese sentido, provee pistas para comenzar a vislumbrar posibles efectos sobre el pensamiento en el contexto de expansión de comunicaciones tecnológicamente mediadas debido a la pandemia de la Covid-19. La metodología utilizada concierne al análisis detallado del texto (poco conocido entre nosotros), remitiendo a algunos conceptos de Deleuze e Guattari y apuntando a evaluar posibles problemas que el pensamiento enfrenta en la actual situación de distancia entre los cuerpos.

Palabras clave: Heinrich von Kleist; Aislamiento social; Oralidad; Cuerpo; Pensamiento.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Contribuição dos autores: a autora é responsável por todo o texto.

Declaração de conflito de interesses: não há.

Fontes de financiamento: bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

Considerações éticas: não há.

Agradecimentos/Contribuições adicionais: não há.

Histórico do artigo: submetido: 18 set. 2020 | aceito: 30 nov. 2020 | publicado: 22 mar. 2021.

Apresentação anterior: não houve.

Licença CC BY-NC atribuição não comercial. Com essa licença é permitido acessar, baixar (*download*), copiar, imprimir, compartilhar, reutilizar e distribuir os artigos, desde que para uso não comercial e com a citação da fonte, conferindo os devidos créditos de autoria e menção à Reciis. Nesses casos, nenhuma permissão é necessária por parte dos autores ou dos editores.

INTRODUÇÃO

Disseminada pelo mundo desde início de 2020, a pandemia de Covid-19 tem gerado novas situações de vida em grande parte do planeta. Como não existe até o momento uma vacina para tal patógenoⁱ, tampouco medicamentos específicos para tratar eficazmente seus graves sintomas, a estratégia em geral adotada tem sido o isolamento e a distância sociais, bem como o confinamento em casa. Evidentemente, no Brasil, para aqueles que podem seguir precauções dessa ordem. Nessas condições, tem-se utilizado, mais do que nunca, tecnologias de comunicação à distância, de redes sociais a diferentes aplicativos de reuniões e encontros remotos.

Após amplos debates e pesquisas no seio da comunidade docente, discente e técnico-administrativa das universidades públicas, em torno de protocolos e práticas a serem implementados, houve o retorno às aulas via internet, em regime de excepcionalidade. É bastante provável que a prática docente tenha de se valer de tais recursos enquanto aglomerações presenciais não forem viáveis. Certamente muito ainda será inventado e experimentado por conta dessa nova situação. Entretanto, insinuam-se desde já algumas indagações acerca das implicações da comunicação mediada, da distância entre pessoas, em especial na prática docente, no que concerne à elaboração do próprio pensamento.

A fim de esboçar aspectos tendencialmente problemáticos desse regime de exceção, proponho retomar um breve ensaio inacabado de Heinrich von Kleist, escrito entre 1805 e 1806, intitulado *Über die allmähliche Verfertigung der Gedanken beim Reden* (KLEIST, 2001)ⁱⁱ, em tradução literal e aproximativa, “Sobre a fabricação (ou produção) gradativa dos pensamentos enquanto se fala”. Esse ensaio só foi publicado postumamente, em 1878 (ÜBER..., 2010). É no mínimo curioso lançar mão de um texto do início do século retrasado para suscitar questões de tão extremada atualidade. Uma prova, entretanto, do vigor do ensaio é, por exemplo, sua presença produtiva na obra de pensadores como Gilles Deleuze e Félix Guattari. Com efeito, no capítulo de Mil platôs intitulado “1227 – Tratado de nomadologia: a máquina de guerra” (DELEUZE; GUATTARI, 1980), Deleuze e Guattari se referem ao ensaio kleistiano como um “texto patético”, marcado pelo *páthos*, ressaltando ainda seu caráter *antilógos* e *antimuthos* (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 468)ⁱⁱⁱ.

A leitura detalhada do ensaio kleistiano justifica-se portanto duplamente: de saída, por se tratar de um texto pouco conhecido entre nós, embora esteja presente na obra de autores relevantes para o pensamento contemporâneo; além disso e mais importante, por sua originalidade e argúcia, capaz de fornecer pistas férteis para se tematizar o processo de fabricação de ideias em situações comunicacionais. Nesse sentido, Kleist parece até mesmo ter lançado flechas certas em direção às novas formas de vida e de contato no presente pandêmico. A leitura desse ensaio poderá nos municiar para problemáticas que, no momento, apenas emergem, mas que certamente estarão cada vez mais evidenciadas em nossas atuais práticas comunicacionais remotas, que tendem a se generalizar e a se estender no tempo, em função do caráter disseminado da pandemia, por ora difícil de ser controlada. A aposta deste artigo é a de que a reflexão minuciosa em torno das teses apresentadas no ensaio kleistiano possa destacar certos impasses do presente. Vamos a ele.

i No momento em que este artigo foi redigido ainda não existia vacina para Covid-19.

ii Igualmente disponível no repositório MPG.PuRe (KLEIN, 2019). Trata-se de um ensaio inacabado, como tantos outros textos do inquieto Kleist. A fim de enfatizar a espinha dorsal deste artigo, centrado no mencionado ensaio de Kleist, evitamos explorar possíveis relações entre tal texto e outros do autor (novelas, contos, peças de teatro e ensaios ficcionais, tal como o fabuloso “Sobre o teatro de marionetes”, mais conhecido entre nós).

iii O uso específico de *lógos* e *muthos*, nesse capítulo de Mil Platôs, ambos remetidos à “forma-Estado desenvolvida pelo pensamento”, explicita-se na seguinte passagem: “Eis que essa imagem possui duas cabeças que remetem precisamente aos dois polos da soberania: um *imperium* do pensar-verdadeiro, operando por captura mágica, apreensão ou laço, constituindo a eficácia de uma fundação (*muthos*); uma república dos espíritos livres, procedendo por pacto ou contrato, constituindo uma organização legislativa e jurídica, trazendo a sanção de um fundamento (*lógos*).” (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 464, tradução nossa). Decidimos não desdobrar essas noções para não quebrar o ritmo do artigo, que privilegia a leitura ruminada do texto de Kleist.

KLEIST REVISITADO

O ensaio de Heinrich von Kleist se abre, significativamente, com uma fala dirigida a um “querido e engenhoso amigo” (KLEIST, 2001, p. 319) a quem o narrador^{iv} dá o seguinte conselho: caso ele deseje entender algo e não consiga fazê-lo meditando, deve falar sobre isso com o primeiro conhecido com quem esbarrar. Não para fazer perguntas ao conhecido encontrado de modo fortuito, mas, antes de mais nada, para contar a ele o que não conseguiu entender. Iniciado por uma fala a alguém, o ensaio inventa de saída um outro a quem se dirige. Este gesto de abertura já aponta, performativamente, para as teses que serão apresentadas e defendidas ao longo do ensaio. A máquina-texto é, portanto, acionada por uma escrita que reenvia a uma fala, inventando alguém a quem dar um conselho. Trata-se de um começo astucioso. O narrador salienta que seu amigo ficcional não teria conseguido clarear ideias apenas ‘meditando’.

Evidencia-se a menção paródica às meditações metafísicas cartesianas. O texto sugere, desde seu início, que não se alcançam ideias claras ‘dentro de si mesmo, ensimesmando-se, isolando-se dos outros e do mundo, em um movimento introspectivo que favoreceria a inspeção da razão por ela mesma. No livro já citado, Deleuze e Guattari ressaltam o antiplatonismo dessa espécie de ‘diálogo’, que é mais propriamente um ‘antidiálogo’, conforme adiante ficará mais explícito. Nem pensamento interiorizado nem diálogo metódico; em Kleist, não perguntar, apostar na força viva do discurso e no acaso dos encontros faz parte da cena em que o pensamento pode ser fabricado. De fora, portanto. E em trocas presenciais com corpos alheios.

Na sequência do texto, o narrador ‘vê’ os olhos espantados desse outro a quem deu o conselho. Ou seja, a leitura da expressão do rosto do interlocutor, de seus pequenos movimentos, participa da elaboração de ideias. O ‘amigo’ lhe explica que, desde cedo lhe ensinaram que ele só deveria falar sobre coisas já compreendidas, ao que o narrador retruca que, no caso em questão, não se trata de explicar algo a alguém, mas de esclarecer a si próprio. Enuncia a seguir, em uma língua estrangeira – o francês, referência cultural dominante na época – a frase que, parodiada (*parodiert*, no original), sintetiza a perspectiva central do ensaio: “*l'appétit vient en mangeant*”, em tradução literal, o apetite vem comendo (no sentido de: é comendo que o apetite vem), transmutada em “*l'idée vient en parlant*” (a ideia vem falando, é falando que a ideia vem). Não deixa de ser relevante que, para enunciar sua tese de modo sucinto, Kleist tenha se valido de um provérbio, de um saber oral popular reciclado, mais uma vez realçando a aposta na oralidade, em uma expressão de saber anônima, criada por um ‘povo’.

Deleuze e Guattari acrescentam, a propósito desse ensaio de Kleist: “necessidade [...] de ser um estrangeiro em sua própria língua” (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 468-469, tradução nossa)^v. Se a ideia vai sendo gestada enquanto se fala, pode vir em língua estrangeira: nesse caso, o francês interceptando o alemão. Mas essa ideia de Deleuze e Guattari – tão presente em outras obras, sobretudo em Kafka: por uma literatura menor (DELEUZE; GUATTARI, 1975) – será intensificada mais adiante no ensaio. Por ora, atenhamo-nos à tese defendida: sincronia e confluência entre a expressão falada e a produção de ideias.

O narrador kleistiano se refere, na sequência, a uma cena doméstica. Explica que muitas vezes está sentado à sua mesa de trabalho, debruçado sobre documentos e controvérsias complicadas, sem atinar como desembaraçá-los e julgá-los. Conta então que, em momentos assim, em seu esforço de esclarecer a questão, costuma mirar um ponto de luz. Mais uma vez contrariando a interiorização do pensar preconizada pela tradição cartesiana, e parodiando a visada iluminista, apela para uma visão exterior, sensível, buscando com os olhos um foco brilhante fora dele mesmo. Poder-se-ia pensar que esse gesto ainda se inscreve na

iv Mesmo se tratando de um texto ensaístico, usarei o termo ‘narrador’ (às vezes também ‘Kleist’) para me referir ao personagem que fala, narra cenas e ‘conversa’ com o leitor no ensaio.

v “*Nécessité [...] d'être un étranger dans sa propre langue [...]*”.

tradição iluminista, uma vez que esse ponto de luz poderia ser lido como uma metáfora da luz da razão. Entretanto, a insistência do texto num foco material de luz fora do sujeito, a ênfase na exterioridade do pensar, em suma, a recusa à ‘meditação’ tornam a leitura metafórica menos consistente com o teor do ensaio. Ainda assim, a luz está presente. Essa passagem reforça ainda o antiplatonismo da perspectiva kleistiana, podendo ser relacionada ao temor socrático-platônico ao que os gregos chamavam de *poikilos*^{vi}: não apenas o que era multicolor, iridescente e heteróclito, mas também o brilho forte, o fulgor luminoso capaz de embaçar, de perturbar a razão, nublando a clareza do pensamento. É para esse foco potencialmente perturbador que o narrador dirige seus olhos, quando não está conseguindo destrinçar questões abstrusas, buscando exatamente clarear ideias.

Cita a seguir seu embaraço diante de tarefas algébricas. Nesse passo, introduz outro movimento, ainda mais inesperado quando está em questão concentrar-se na solução de problemas complexos. Em tal situação, afirma que costuma conversar com a irmã, que trabalha sentada às suas costas, chegando desse modo a resultados que talvez não pudesse alcançar mesmo após árduas e longas elucubrações. Não por que a irmã fosse perita em leis ou em álgebra; tampouco porque ela soubesse formular perguntas engenhosas capazes de iluminar ideias turvas. O que acontece então? De que maneira se dá a passagem paulatina da ideia nebulosa em direção à nitidez do pensamento de um modo tão pouco cartesiano, por meio de uma fala, de uma ‘conversa’ (de fato, conforme Deleuze e Guattari, um ‘antidiálogo’) que não se pauta pelo jogo dialético de perguntas e respostas, ativando o pensamento de modo claramente afastado dos moldes dialógicos socrático-platônicos?

Vejamos como se explica o processo no texto. Quando o narrador começa a falar com a irmã, o próprio fluxo da fala, a sintaxe e o movimento colocado em curso fazem com que, à medida que o discurso progride a partir de um “começo que precisa achar um fim”, a ideia confusa inicial vá adquirindo contornos e nitidez. É como se o próprio desdobramento oral da fala no tempo a esclarecesse. Assim, e para o espanto do próprio falante, o pensamento se elabora e fica ‘pronto’ (*fertig*, presente desde o título do ensaio) concomitantemente ao desfecho do período em que foi sendo fabricado. A instância que opera esse vir a ser do pensar chama-se *Gemüt*, termo de difícil tradução e de grande relevância na tradição filosófica, literária e cultural alemã. *Gemüt* seria algo aproximável da noção de ânimo. Kant remeteu *Gemüt* a dois termos latinos, *animus* (ânimo) e *mens* (mente)^{vii}.

A tradução desse ensaio de Kleist em inglês disponível on-line, de autoria de Michael Hamburger (KLEIST, 1991), opta pela palavra *mind* (mente). Observe-se que a tradução de *Gemüt* como *mente* aproxima o texto de determinadas ênfases conceituais caras à tradição filosófica anglo-saxônica; entretanto, de certo modo, tende a higienizar o ensaio de sua contaminação com forças do corpo, seus estados cambiantes, seus afetos e sua expressividade. De modo significativo, Deleuze e Guattari optaram por manter, em Mil platôs, o termo alemão, isento da partilha entre corpo e mente, entre afeto e pensamento. Conforme veremos, o ensaio de Kleist explora e intensifica *Gemüt*, em sua dimensão ampla, aquém de distinções decisivas que marcaram o pensamento hegemônico no Ocidente. Reduzir a riqueza desse termo à esfera mental contraria o próprio teor da tese defendida.

Recorrendo aos sentidos de *Gemüt* no dicionário Duden (2020), encontramos referências a um amálgama de forças psíquicas e espirituais de um ser humano, à capacidade sensível da alma e do espírito, ou ainda à receptividade a impressões afectuais. Segundo o dicionário, a palavra também costuma ser

vi Cf. Ferraz, especialmente p. 78-79, como por exemplo a seguinte passagem: “[...] esse adjetivo designa, no mundo grego, tanto o desenho multicolor de um tecido quanto o cintilar de uma arma; a pelagem manchada e reluzente de um filhote de fera bem como o dorso brilhante e sinuoso de uma serpente, constelado de pinceladas escuras. Tal mistura de cores e de formas produziria um efeito resplandecente, como que o fulgor de um jogo de reflexos em que o grego perceberia a vibração incessante da luz.” (FERRAZ, 1999, p. 78).

vii Em Kant, esse conceito possui considerável importância. Cf. o artigo de Valério Rohden (que traduziu junto com Antonio Marques a obra kantiana Crítica da faculdade do juízo) intitulado “O sentido do termo ‘*Gemüt*’ em Kant” (1993).

usada no sentido mais geral de “ser humano” (*Mensch*), em sua dimensão sensível a estímulos intelectuais e anímicos. É a essa força que não se limita à mente, mas que equivale a certas disposições do corpo-alma, à sua potência e receptividade afectual, que Kleist remete o processo do pensar, inseparável de sua efetuação expressiva. Isso vai ficando ainda mais evidente, como veremos, na sequência do ensaio.

Kleist detalha o processo de vir a ser do pensamento-expressão: por vezes intervêm sons inarticulados, estiram-se palavras de ligação, emergem apostos onde eles não precisariam figurar, emprega-se todo tipo de artifício e circunlóquio, quando se faz necessário “ganhar tempo” para a fabricação da ideia nas “oficinas da razão” (KLEIST, 2001, p. 320). Não se trata de gaguejar, de hesitar ou de dar voltas meramente por ausência ou debilidade do pensamento, mas para ganhar tempo, para ocupar o fluxo temporal, colocando em curso a produção ativa e viva de ideias. Eis como Deleuze e Guattari comentam o procedimento kleistiano: “Ganhar tempo, e depois talvez renunciar, ou esperar. Necessidade de não ter o controle da língua [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 468, tradução nossa)^{viii}. Essa passagem dos filósofos lembra também as vantagens, atribuídas por Henri Bergson em *Matéria e memória*, à hesitação na ação humana, condição de possibilidade da suspensão de respostas prontas, favorecendo a criação de gestos ou de ideias novas, imprevisíveis (BERGSON, 1985).

O ensaio de Kleist acrescenta, ainda na passagem em que menciona a cena doméstica: que o gaguejar discursivo necessário à produção do pensamento seria atizado e acelerado por um pequeno movimento da irmã, indicativo de que ela estaria prestes a interromper o falante. Na iminência dessa interrupção, tensiona-se a *Gemüt*, já bastante excitada pelo esforço de entendimento. “Como um grande general” (KLEIST, 2001, p. 320)^{ix} – segue o texto – que, pressionado pelas circunstâncias, torna-se ainda mais alerta. Intervém uma linguagem bélica que irá ser reforçada ao longo do ensaio. Não foi à toa que Deleuze e Guattari inseriram a referência a esse ensaio no capítulo de *Mil platôs* dedicado à ‘máquina de guerra’. Nesse caso, máquina de guerra como exterioridade do pensamento, fabulado em um jogo de forças entre corpos e seus movimentos, em trocas presenciais.

Na sequência, o narrador menciona Molière^x, que segundo se dizia, gostava de trocar ideias com sua criada, pois confiava mais no julgamento desta do que no de críticos, de pessoas mais instruídas. Segundo o narrador, certamente não seria por modéstia ou algo do gênero. O motivo desse interesse se explicaria de outra maneira: Molière não esperava que a criada lhe esclarecesse algum ponto obscuro, mas seu semblante funcionava como uma fonte especial de entusiasmo – em alemão, *Begeisterung*, palavra cuja raiz é *Geist* (espírito). Kleist acrescenta que um simples olhar do interlocutor indicativo do desabrochar da compreensão de uma ideia, expressa pelo falante apenas pela metade, tem frequentemente por efeito lhe devolver a outra metade que faltava. Conclui: “Creio que muitos grandes oradores, no momento em que abrem a boca, ainda não sabem o que irão dizer.” (KLEIST, 2001, p. 320, tradução nossa)^{xi}. Tal afirmação contraria a Retórica clássica, alinhando-se a uma recusa a códigos e modelos fixados, característica do Romantismo oitocentista. Ao mesmo tempo, repercute a tese segundo a qual o pensar não se processa ‘interior’ e ‘previamente’, sendo antes fabricado no intercâmbio com outrem, coincidindo com o fluxo temporal em que a fala vai sendo construída.

A convicção segundo a qual o orador irá alcançar a necessária plenitude de ideias proviria, conforme o texto, das circunstâncias e das excitações de sua *Gemüt* que essas mesmas circunstâncias espicaçam. Não haveria portanto separação entre razão, pensamento e corpo. Pensar se efetuará em função de intensidades

viii “Gagner du temps, et puis peut-être renoncer, ou attendre. Nécessité de ne pas avoir le contrôle de la langue [...]”.

ix “wie ein großer General.”

x Note-se que as referências culturais e literárias do texto são francesas.

xi “Ich glaube, daß mancher großer Redner, in dem Augenblick, da er den Mund aufmachte, noch nicht wußte, was er sagen würde.”

afectuais, em total consonância com os movimentos da alma-corpo (*Gemüt*). Exterioridade do pensamento também no sentido dos afetos convocados pela presença do outro. Kleist enfatiza a importância do rosto, do corpo do outro. Seus movimentos ínfimos, suas mais sutis expressões têm por efeito acelerar o processo, fazendo muitas vezes com que um pensamento apenas esboçado, ricocheteando no semblante do interlocutor, seja devolvido por inteiro ao próprio falante. Portanto, segundo Kleist o pensar requer um espaço ‘entre’ no qual circulam forças do corpo. Uma vez intensificadas, as intensidades do corpo-*Gemüt* potencializam a fabricação de ideias. O entusiasmo tem, nesse sentido, um efeito precipitador.

O ensaio prossegue com um exemplo político, que pode ser diretamente vinculado ao primeiro axioma do ‘Tratado de nomadologia’, referido anteriormente: exterioridade da máquina de guerra em relação ao Estado. Também pode ser relacionado ao tema deleuzeano da criação de um ‘povo por vir’. Trata-se de um episódio famoso acerca da atuação do conde de Mirabeau no limiar da Revolução Francesa. Na sessão real de 23 de junho de 1789, o rei Luís XVI é surpreendido pela decisão do Terceiro Estado (que se distinguia dos outros dois, constituídos respectivamente pelo clero e pela aristocracia) de constituir-se como Assembleia Nacional. Luís XVI envia ordens para que todos se retirem do salão: o monarca suspende a audiência real; o mestre de cerimônias, seu emissário, transmite a ordem real. Ao verificar que parte do baixo clero e os membros do Terceiro Estado a desobedecem, permanecendo sentados em seus lugares, o funcionário pergunta se todos escutaram a ordem do rei. Kleist retoma e analisa, passo a passo, a marcante resposta de Mirabeau, considerado como símbolo da eloquência parlamentar na história política da França. Vale a pena saborear em detalhes todo o trecho em que o narrador escande frações da fala improvisada de Mirabeau a fim de flagrar o paulatino processo da produção de ideias.

Segundo o texto, Mirabeau responde que todos ouviram a ordem real. O narrador comenta que, nesse ‘começo humano’, o parlamentar ainda não tinha sacado a baioneta com a qual viria a desfechar uma estocada fatal na monarquia absolutista. Mirabeau inicia apenas confirmando ao mensageiro real que todos ouviram a ordem; como Kleist comenta, ele provavelmente ainda não sabia aonde exatamente queria chegar. Esboça a seguir outra frase: “Mas o que lhe dá o direito” – interrompida no ensaio pela afirmação de que nesse ponto, de repente, após um primeiro momento de hesitação, a fonte plena do pensamento já acumulou forças suficientes para eclodir no discurso – “de nos transmitir aqui essa ordem? Nós somos os representantes da nação” (KLEIST, 2001, p. 321)^{xii}. A afirmação de um novo ‘nós’ funciona como palavra de ordem^{xiii} instituidora de uma força política inaugural e de um novo conceito de nação. Nesse momento do texto, nota-se o entusiasmo de Kleist: era disso mesmo que o orador precisava! Prossegue Mirabeau – nesse curioso diálogo com Kleist, diferido no tempo e no espaço –, enunciando a frase lapidar: “A nação dá ordens e não acata nenhuma.” (KLEIST, 2001, p. 321)^{xiv}. Nova interrupção de Kleist, que identifica nesse novo enunciado a chegada ao ápice do excesso de confiança e da impetuosa ousadia do orador. Em toda a passagem é como se o narrador, enquanto intercepta o fluxo da fala, fosse avaliando e aferindo a temperatura do discurso e do corpo-pensante de Mirabeau. Como se fosse medindo a temperatura de sua *Gemüt* criadora de ideias. Segue-se mais um trecho da famosa tirada do eloquente orador francês: “E para deixar tudo bem claro para o senhor –” novo corte para Kleist, que explica que só nesse momento Mirabeau encarnou integralmente a resistência para a qual sua alma se armara. Segundo Kleist, só então Mirabeau teria ficado “pronto” (*fertig*) para desferir seu último golpe: “Diga por favor a seu rei que só deixaremos

xii Eis a passagem no original: “‘Doch was berechtigt Sie’ – fuhr er fort, und nun plötzlich geht ihm ein Quell ungeheurer Vorstellungen auf – ‘uns hier Befehle anzudeuten? Wir sind die Repräsentanten der Nation’”.

xiii Cf. o capítulo “Postulados da linguística” do já citado Mil platôs.

xiv “Die Nation gibt Befehle und empfängt keine.”

nossos lugares sob a violência das baionetas” (KLEIST, 2001, p. 321, tradução nossa)^{xv}. Satisfeito consigo mesmo – completa Kleist –, Mirabeau sentou-se.

Esse episódio relaciona-se diretamente ao primeiro axioma do “Tratado de nomadologia”: exterioridade da máquina de guerra (nesse caso, o ato de fala de Mirabeau, sua baioneta discursiva), em relação ao aparelho de Estado (a monarquia absolutista). Chegando a este ponto, cabe lembrar a síntese realizada por Deleuze e Guattari acerca do conceito de máquina de guerra, em diálogo com o ensaio de Kleist:

Um pensamento às voltas com forças exteriores, em vez de estar recolhido em uma forma interior; operando por revezamento, em vez de formar uma imagem; um pensamento-acontecimento, hecceidade, em vez de um pensamento-sujeito; um pensamento-problema, em vez de um pensamento-essência ou teorema; um pensamento que conclama um povo, em vez de se tomar por um ministério. (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 469, tradução nossa)^{xvi}.

Na sequência do ensaio kleistiano, investiga-se, em termos elétricos e atmosféricos, o jogo assimétrico de forças presente nessa cena, que ficou registrada historicamente como um dos estopins da queda do *Ancien Régime* e da própria Revolução Francesa. Segundo o autor, na cena o mestre de cerimônias, ao ouvir Mirabeau, experimentou uma falência radical de seu espírito (*Geist*). Lembrando certas leis da eletricidade, Kleist explica que o emissário do rei, que se encontrava antes em um estado elétrico neutro, no momento em que penetrou na atmosfera de um corpo em alta voltagem, como o de Mirabeau, foi repentinamente atravessado pelo impulso elétrico oposto, produzindo-se nele uma verdadeira “bancarrota espiritual” (KLEIST, 2001, p. 321). Tirando as consequências desse jogo de forças no campo oposto, o da resistência política, o ensaio ressalta o efeito reverso dessa despotencialização do emissário: assim como o mensageiro real passa a ficar sem bateria, o grau de eletricidade do orador se intensifica; ao enfraquecimento de seu oponente corresponde a transformação da coragem do orador no mais audacioso entusiasmo (*Begeisterung*). Como se pode verificar nessa cena histórica, a fala em presença se efetua em uma atmosfera de alta tensão, arma-se um campo elétrico no qual intervêm pequenas percepções e movimentos corporais. Kleist conclui essa passagem afirmando que talvez tivesse sido, no final das contas, uma pequena contração do lábio superior ou um movimento ambíguo de um punho de camisa que levaram ao colapso da ordem social na França – culturalmente sensível a etiquetas e a gestos minuciosos, ou mesmo ‘preciosos’.

A esse episódio é ainda acrescentado um último ato. Conforme o narrador, sabe-se que, depois que o mestre de cerimônias se retirou, Mirabeau levantou-se e propôs a constituição de uma Assembleia Nacional, instituindo seu caráter inviolável. Após a descarga da cena anterior, Mirabeau teria novamente se tornado eletricamente neutro. Sua audácia teria então retrocedido, dando repentinamente lugar ao temor da prisão e a uma certa prudência política. Novas transformações atmosféricas da *Gemüt* de Mirabeau. Através desse exemplo histórico, de diversas implicações, sela-se o acordo, no ensaio, entre fenômenos físicos e morais, conclui o ensaísta.

O exemplo mencionado a seguir no ensaio é o da fábula de La Fontaine intitulada “*Les animaux malades de la peste*” (“Os animais doentes da peste”). O tema da fabricação gradual das ideias durante a fala passa a ser encarnado pela astuciosa raposa, animal emblemático da *métis* grega^{xvii}. Eis a história: uma peste estava dizimando o reino animal; no intuito de aplacar a ira celeste, o leão propõe que o mais pecador dentre eles seja sacrificado. Para dar o exemplo, confessa já ter devorado várias ovelhas, e até mesmo o

xv “Und damit ich mich Ihnen ganz deutlich erkläre” – und erst jetzt findet er, was den ganzen Widerstand, zu welchem seine Seele gerüstet dasteht, ausdrückt: ‘so sagen Sie Ihrem Könige, daß wir unsre Plätze anders nicht, als auf die Gewalt der Bajonette verlassen werden.’”

xvi “Une pensée aux prises avec des forces extérieures au lieu d’être recueillie dans une forme intérieure, opérant par relais au lieu de former une image, une pensée-événement, heccéité, au lieu d’une pensée-sujet, une pensée-problème au lieu d’une pensée-essence ou théorème, une pensée qui fait appel à un peuple au lieu de se prendre pour un ministère.”

xvii Cf. Detienne e Vernant (1974), em especial o subcapítulo *Le renard et Le poulpe*, p. 32-57. Primeira esposa de Zeus, Métis é identificada à astúcia, à busca e à invenção de saídas em situações embaraçosas.

pastor. Quando chega a vez da raposa, para salvar a própria pele, em vez de confessar seus pecados, esta usa sua fala para desculpar e justificar as ações vorazes do leão. Como estratégia artilosa, procura não apenas inocentar o leão, mas adúlá-lo. Os argumentos brotam pouco a pouco em seu discurso hesitante, tangidos pela necessidade de desvencilhar-se dos laços de uma situação bastante embaraçosa. Afinal, conforme o dito popular colocado por Guimarães Rosa em epígrafe ao conto A hora e vez de Augusto Matraga, “Sapo não pula por boniteza, mas porém por precisão.” (ROSA, 1968, p. 319). Kleist mais uma vez esquadrinha e esquarteja cada trecho dessa fala. Vale a pena seguir bem de perto essa passagem em que as vozes se cruzam, restituindo e reduplicando seu ritmo seccionado, fragmentado, fraturado.

A raposa começa bajulando o leão, saudando sua grandiosidade e a nobreza de seu zelo. Para atenuar o crime confessado pelo próprio leão, lança uma pergunta retórica que serve para desqualificar as vítimas: mas o que importa devorar animais sem qualquer valor? Prossegue – agora em francês no ensaio –: “*quant au Berger*” (quanto ao pastor) – aqui o narrador interrompe a fala da raposa, também ele ganhando tempo para salientar que este é o ponto central –, “*on peut dire*” (pode-se dizer) – apesar de ainda não saber o quê, comenta o narrador –, “*qu’il méritait tout mal*” (que ele merecia todo o mal) – apostando na sua sorte, e já se complicando –, “*étant*” (sendo) – aqui, segundo Kleist, uma péssima transição, mas que lhe permite ganhar um pouco mais de tempo – “*de ces gens-là*” (desse tipo de gente) – novo corte, para sinalizar que só nesse momento a raposa encontrou a ideia que a salva da situação complicada: “*qui sur les animaux se font un chimérique empire*” (que exerce sobre os animais seu império quimérico). No final das contas, será o asno o animal sacrificado, por confessar ingenuamente ter comido toda a relva de um prado, sendo portanto considerado o maior pecador e, por isso, destroçado por todos os outros animais.

Kleist identifica na fala da raposa um pensamento que vai aos poucos sendo articulado. A sequência das ideias e de designações avança no mesmo passo, conduzindo a um acordo orquestrado pela *Gemüt*. O ensaio conclui que a palavra falada não equivale a um freio ou a um entrave na roda do espírito (*Geist*), mas a uma espécie de roda paralela girando com a outra no mesmo eixo. A dualidade entre pensamento e discurso só é mantida aparentemente, na medida em que a ênfase recai sobre o movimento de ambos em um eixo giratório comum. Além de uma segunda ilustração de sua tese, esse exemplo ressalta tanto a importância do aspecto rítmico quanto uma temporalidade específica, a ocasião; em grego, *kairós*. Segundo Detienne e Vernant (1974), essa temporalidade, ligada ao senso de oportunidade, vinculava-se especialmente a três práticas gregas: a navegação, a medicina e a política. Em todas essas artes (ou *technai*) está em jogo um saber aproximativo, prudente e astucioso, emblematizado por *Métis*. Esse tipo de saber é imprescindível quando se tem de lidar com situações moventes, cambiantes, imprevisíveis, intervindo com dosagens certas em ocasiões oportunas. A personificação grega de *Kairós* é bastante conhecida: um jovem com asinhas nos pés, cabeludo na frente, que passa correndo e tem de ser pego pelos cabelos enquanto passa, já que é careca por trás. Tanto a raposa de La Fontaine quanto o orador político Mirabeau conseguiram pegar *Kairós* pelos cabelos enquanto ele passava. Para isso, tiveram de estirar o fio da fala-pensamento no tempo – até conseguirem cortá-lo para perfazer o laço em que todos seriam desmobilizados e aprisionados. Tanto a hesitação, o estiramento do discurso, quanto o corte certo supõem uma aliança com o tempo, quer em sua dimensão movente, quer na instantaneidade da ocasião oportuna.

Na sequência do ensaio, Kleist explora mais uma vez a importância da excitação da *Gemüt* necessária à produção de ideias que já foram anteriormente esboçadas. A situação apresentada não deixa de estar ligada à experiência docente. Kleist explora a cena dos exames orais de seu tempo. Mesmo cabeças abertas e pensantes – acrescenta – podem ficar paralisadas em provas orais, diante de perguntas abruptas tais como “O que é o Estado?”, ou “O que é a propriedade?”. Observe-se que essas perguntas não poderiam ser mais adequadas: tanto por remeterem a conceitos como “Estado” e “propriedade” (antípodas da máquina de guerra) como também por obedecerem ao modelo da pergunta socrático-platônica por excelência –

“o que é?” –, garantidora do privilégio da definição conceitual, que valoriza a ponta de chegada de um pensamento, e não seu percurso, seu processo vivaz de fabricação. Note-se de que modo a instituição acadêmica, exemplificada nessas provas (especialmente na época de Kleist, mas não apenas), é tributária da metafísica. A máquina de guerra da fala pensante lhe é certamente exterior.

Kleist explica que, caso o jovem examinado tivesse estado em uma reunião social em que ambos os conceitos tivessem sido discutidos, talvez houvesse conseguido responder às questões. No entanto, na ausência desse preparo prévio da *Gemüt*, o estudante poderá ficar bloqueado. Segundo o autor, apenas um examinador mal esclarecido irá deduzir que o estudante paralisado diante das questões abruptas nada sabe sobre o tema perguntado. Só espíritos comuns – acrescenta – que aprenderam na véspera de cor “o que é o Estado” (para esquecê-lo no dia seguinte) terão a resposta na ponta da língua em uma situação desse tipo. A hesitação, o gaguejar são imprescindíveis à elaboração viva de ideias. Além disso, mais uma vez enfatiza-se que pensar é bem diferente de reproduzir mecanicamente aquilo que foi uma vez pensado.

O ensaio termina (mesmo não tendo sido finalizado por Kleist) com uma reviravolta típica da astúcia de uma raposa. O narrador afirma que, mesmo os estudantes menos sagazes, testemunham que também a *Gemüt* dos examinadores fica embaraçada quando se trata de uma prova pública, situação constrangedora para a liberdade de seu juízo. Segundo o texto, os professores experimentam muitas vezes todo o procedimento como indecoroso: se ficariam envergonhados pedindo a alguém para esvaziar a bolsa à sua frente, que dirá exigindo que desnudem publicamente sua alma. Trata-se, portanto, de uma prova perigosa para os próprios examinadores. O ensaio permanece inconcluso, mas a versão existente encerra-se acrescentando que tais examinadores voltarão para suas casas agradecendo aos céus caso não tenham ficado ainda mais nus e envergonhados do que os jovens universitários por eles examinados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluída a leitura atenta, minuciosa desse ensaio seminal de Kleist, resta-nos esboçar, a título provisório e inconclusivo, algumas problemáticas concernentes, por conta da pandemia de Covid-19, à atual situação de isolamento na qual tendem a prevalecer comunicações digitalmente mediadas, em suas possíveis implicações quanto à elaboração de ideias. Em primeiro lugar, se como pensava Kleist, a roda do pensamento gira em paralelo à da fala, se ambas movem-se no mesmo eixo (se co-movem), e todo esse processo supõe encontros presenciais, atmosferas secretadas pelas trocas entre *Gemüter*, a situação de isolamento está longe de favorecer a vivacidade do pensamento. Evidentemente, a ‘oralidade’ mantém-se em todo tipo de troca por meio da internet. No entanto, conforme vimos no ensaio de Kleist, nesse novo jogo entre corpos à distância, a fala (ainda que preservada em interações digitalmente mediadas) encontra-se apartada do calor da presença, como que desatrelada da corporeidade.

Inspirados no ensaio kleistiano aqui privilegiado, nosso intuito não é o de defender teses acabadas sobre a situação atual, no que concerne às relações entre fala, corpo e pensamento, mas tão somente sugerir, desde já, possíveis problemas ligados a essa nova situação comunicacional. Ainda que se continue a ‘comunicar’ oralmente via aplicativos de encontros remotos, resta indagar qual o efeito da mediação digital sobre a circulação de forças favorecida, como vimos em Kleist, por corpos em presença, essencial, segundo o autor, para a fabricação progressiva de ideias. Evidentemente, no ensaio do início do século XIX, a fala não podia circular à distância, dependendo então integralmente da presença dos corpos.

Na situação atual, entretanto, em que podemos nos falar e ver à distância, cabe perguntar em que medida é possível flagrar sutilezas de expressão através desse filtro algorítmico que atravessa nossas telas, interceptando a fluidez e a circulação de forças entre corpos. Mais do que isso: ideias apenas esboçadas quando se começa a falar, ricocheteando na expressão sutil do rosto e nos micromovimentos do corpo do outro (que em geral não vemos nem em detalhes nem por inteiro nas telas) nos serão devolvidas em

sua parte faltante? A pele, nosso maior órgão de trocas, verdadeira interface entre dentro e fora, meio de comunicação primordial, não tem sua porosidade bloqueada em meios digitais? Nesse sentido, de que modo aquecer a temperatura das *Gemüter* que participam da produção do pensamento? Que efeitos, em suma, terão tais práticas comunicacionais mediadas sobre a elaboração gradual de ideias?

Sem pretender responder a tais questões de modo definitivo, cabe-nos suspeitar dos efeitos do privilégio atual das telas em nossas interações. De que maneira, em comunicações digitalmente mediadas, se podem identificar expressões de rostos, os mais sutis movimentos corporais que intervêm na situação dialógica em presença e que, conforme pleiteou Kleist, seriam essenciais à elaboração de ideias? Sem esse jogo, ou melhor, em um outro jogo, mediado por dispositivos digitais, a devolução da bola do pensamento tende a ser suspensa, lembrando a famosa cena da partida de tênis sem bola de *Blow-up*, filme de Antonioni. Certamente, em nossos atuais contatos remotos, se pode ouvir, ver (mesmo que parcialmente) e falar. Mas parece ter arrefecido a intensidade de trocas de forças entre *Gemüter*, que já não podem se afetar do mesmo modo. Daí talvez o cansaço e, em parte, a dificuldade de concentração e atenção em situações comunicacionais via computadores. Ocorre certo esfriamento das trocas, por conta da mediação de dispositivos tecnológicos, alterando-se a circulação das forças entre os corpos, diminuindo a potência de afetação entre os corpos, o que, ainda segundo o ensaio investigado, não favoreceria a fabricação viva de ideias.

Outro vetor importante, nas situações comunicacionais, refere-se, conforme salientado por Kleist, à temporalidade, em sua espessura peculiar. Tanto no sentido do aquecimento necessário dos corpos-*Gemüter* quanto no que se refere ao aspecto gradual e paulatino da produção de ideias. A pressão temporal e a dispersão da atenção suscitadas por intercâmbios via aplicativos curto-circuitam o “ganhar tempo” (KLEIST, 2001. P. 320) necessário, segundo Kleist, ao pensamento articulado, com suas hesitações, apostos, gagueiras produtivas. Além disso, se a presença de corpos é geradora de *páthos*, de atmosferas que banham o processo dinâmico do pensamento, a distância tende a congelar esses fluxos, produzindo uma espécie de achatamento do tempo, uma corrosão de sua espessura duracional. Também por tal razão, certamente haverá mais cansaço, será exigido um esforço maior para se concentrar em dispositivos que funcionam justamente esgarçando e fragmentando a atenção.

A leitura do ensaio de Kleist permite, em suma, esboçar com maior argúcia problemas que apenas se delineiam atualmente. A título de conclusão e de modo sintético, a questão pode ser assim formulada: na situação de isolamento, como ativar a máquina de guerra do pensamento, em seu vínculo com a exterioridade e o mundo? De modo mais direto no que tange à prática viva do pensamento nas relações de ensino: de que maneira, em aulas remotas, intensificar as forças que, circulando entre corpos-almas, são segundo Kleist necessárias à abertura do pensamento? Como lutar contra o curto *spam* atencional que a velocidade digital tanto solicita quanto promove? A partir do ensaio lido, pode-se observar que a fabricação paulatina de ideais atravessa um momento no mínimo crítico. Mas igualmente, e pelas mesmas razões, pode estar sendo aguçada. Resta-nos agarrar Kairós pelos cabelos. Afinal, sapo nunca pulou por boniteza. Mas porém por precisão.

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. **Matière et mémoire**. Paris: PUF, 1985.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: pour une littérature mineure. Paris: Les Editions de Minuit, 1975.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 1227 – Traité de nomadologie: la machine de guerre. In: **Mille Plateaux**. Paris: Les Editions de Minuit, 1980. p. 434-527

DETIENNE, Marcel; VERNANT, Jean-Pierre. **Les ruses del’intelligence**: la mêtis des Grecs. Paris: Flammarion, 1974.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. **Platão**: as artimanhas do fingimento. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

GEMÜT. *In*: DUDEN. [S. l.]: Bibliographisches Institut GmbH, c2020. Disponível em: <https://www.duden.de/suchen/dudenonline/Gem%C3%BCt>. Acesso em: 21 maio 2020.

KLEIST, Heinrich von. On the gradual construction of thoughts during speech. Tradução de Michael Hamburguer. **German Life and Letters**, [s. l.], v. 5, n. 1, p. 42-46, 1991. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1468-0483.1951.tb01029.x>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1468-0483.1951.tb01029.x>. Acesso em: 20 maio 2020.

KLEIST, Heinrich von. Über die allmähliche Verfertigung der Gedanken beim Reden. *In*: KLEIST, Heinrich von. **Sämtliche Werke und Briefe**. Munique: Deutscher Taschenbuch Verlag (dtv), 2001. p. 319-324.

KLEIST, Heinrich von. **Über die allmähliche Verfertigung der Gedanken beim Reden**. Munique: [s. n.], 2019. Disponível em: https://pure.mpg.de/rest/items/item_2352284/component/file_2352283/content. Acesso em: 21 maio 2020.

ROHDEN, Valério. O sentido do termo “*Gemüt*” em Kant. **Analytica**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 61-75, 1993. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/analytica/article/view/637/592>. Acesso em: 21 maio 2020.

ROSA, João Guimarães. **Sagarana**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

ÜBER die allmähliche Verfertigung der Gedanken beim Reden. *In*: WIKIPEDIA: the free encyclopedia. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2010]. Disponível em: https://de.wikipedia.org/wiki/%C3%9Cber_die_allm%C3%A4hliche_Verfertigung_der_Gedanken_beim_Reden. Acesso em: 20 maio 2020.